

Insegurança atrapalha até educação

Grande parte dos alunos e professores, principalmente no período noturno, estão em dificuldades para ir frequentemente aos colégios, elevando o número de faltas e prejudicando o nível do aprendizado. Esta denúncia, de Eurípedes Camargo, coloca um problema muito antigo em evidência, na área da Educação, que são as dificuldades de se exercer a atividade docente em áreas afastadas dos centros das cidades e do Plano Piloto.

Na Ceilândia, segundo Eurípedes, este problema tem sido muito marcante. Muitas ruas ainda continuam com iluminação deficiente e as linhas de ônibus atendem pistas pré-definidas, obrigando o professor ou o aluno a andar um bom percurso a pé para atingir o seu colégio. Não raras vezes, argumenta Eurípedes, a pessoa é assaltada e, dependendo do momento e das condições

climáticas ela prefere ficar em casa, mesmo arcando com o prejuízo da perda da matéria e do corte do ponto.

Por outro lado, Eurípedes acredita que o nível de ensino — e isto ele constata na Ceilândia — não atende satisfatoriamente os interesses da comunidade, devido à sua organização política e administrativa. O professor — cita o presidente dos Incansáveis, — não tem, qualquer voz ativa no colégio, cuja palavra final sempre é da diretora. Na opinião de Eurípedes, caberia ao professor escolher o seu diretor, pois traria uma melhor compreensão dos problemas tanto no aspecto da educação quanto das necessidades do corpo docente.

Na mesma linha de raciocínio, Eurípedes vê a política educacional brasileira como excludente e seletiva, voltada para um projeto comum:

impedir o acesso dos filhos das camadas populares ao ensino superior. “O ensino — diz ele — precisaria passar por uma ampla discussão, onde as prioridades nacionais pudessem ser explicitadas com clareza.”

LAZER

O ano de 1982 não conseguiu alterar decisivamente o lazer em Ceilândia. Até o momento, na opinião do presidente dos Incansáveis, as dificuldades para se apresentar uma peça de teatro ou realizar uma outra manifestação artística qualquer são grandes, pois muitas vezes “você não sabe nem a quem se dirigir.” Talvez estes aspectos, continua Eurípedes, tenham contribuído para esvaziar um movimento de criação de grupos culturais na cidade, que há alguns anos atrás “era bastante florescente.”

Neste ponto, Eurípedes cita a experiência da criação de centros comunitários que ainda não deram resultados satisfatórios. Os centros, segundo Eurípedes, não são um sistema aberto à população e nem sempre a sua distribuição aos grupos que os controlam é democrática, trazendo sérios problemas de convivência entre os diversos interessados. São três os centros deste tipo em operação hoje na Ceilândia.

Para Eurípedes, o lazer, como ocorre na Ceilândia, vem se tornando um bem superfluo. Na sua opinião, frente a estas dificuldades, a única opção da população tem sido ir para as ruas, organizar suas brincadeiras e até mesmo verdadeiros campeonatos de futebol de “golzinho.” “Esta ainda é uma forma de concentrar as pessoas democraticamente nas ruas,” finaliza Eurípedes.